

“Exportação de pés”. Jogadores brasileiros de futsal na Itália e redes transnacionais.

João Carlos Tedesco
(UPF)

*A língua mundial do futsal é o português.
(Jornal de divulgação da “Euro 2010” de futsal na Hungria).*

INTRODUÇÃO: PENSAR O SKATE NA ATUALIDADE

“Eu faço o que eles não sabem fazer”.

Jogar futebol na Europa sempre foi meu sonho; pra ser sincero, de salão não era o que eu idealizava, mas surgiu e, por sinal, muito rápido; vim prá cá [Itália] com 16 anos; já são sete que estou aqui, mas não era comum na época vir com pouca idade, por questões de documentação, autorização, medo de o cara não tivesse a cabeça feita e de que houvesse problema pra quem contratava, nem contrato dava pra fazer direto; agora passa tudo pela CBF (*sic*) [CBFS - Confederação Brasileira de Futebol de Salão do Brasil]. [...]. Outros me ajudaram, além de minha família, minha mãe me deu mais apoio, meu pai achava que não teria futuro; minha mãe queria que eu fizesse o que eu gostasse e era jogar que eu queria. [...]. Ela foi atrás de tudo, até de gente pra me ajudar lá e aqui, pagou gente que tava aqui pra me auxiliar, [...]. Os times aqui são pequenos, uns nascem e morrem; são firmas que montam times por estratégias contábeis delas. Tem gente do Brasil e da Argentina por detrás desse esporte na Itália, por isso que somos em bastante [...]. Tem muito brasileiro formando jogadores de categorias de idades inferiores. [...]. Tinha vez que me sentia no Brasil; como te disse, há muita identificação desse esporte com o Brasil. [...]. Nós aqui fazemos o que os italianos não sabem fazer bem que é jogar bola, por isso acho que somos diferentes dos imigrantes que eles têm aqui. (Entrevista com jogador de futsal brasileiro na cidade de Treviso).

Existe um significado cultural que vincula o brasileiro ao futebol, algo que parece natural¹. Na realidade, há uma ideia no meio social de que todo o brasileiro é um jogador em potencial; isso influencia a tendência em incentivar meninos para serem jogadores. Essa representação foi produzida em décadas passadas como o “país do futebol”, em razão de vitórias em copas do mundo, de jogadores que se tornaram ícones como Pelé e Garrincha e, na realidade, de sermos um povo apaixonado por futebol. Nesse sentido, correlaciona-se o futebol com as favelas, as peladas de rua, o gingado do samba, o qual exige desenvoltura do corpo; há

também uma construção social da idealização e sonho de mobilidade social junto às camadas pobres da população por meio do futebol. Isso foi exportado para a Europa e é o que ainda marca a brasilidade nesse cenário, em particular na Itália. A modalidade que mais aparece e que sempre esteve em evidência é a do futebol “de campo”². Nesse, há jogadores famosos, bilhões de euros e dólares em jogo, mídias diretamente envolvidas, mobilidade intensa de jogadores, redes internacionais, múltiplas polêmicas, etc. (Rial 2006, 2008; Damo 2007; Toledo 2002).

O futsal³ aparece pouco no meio social; é colocado pela mídia num cenário bem inferior. Isso é lugar-comum em várias partes do mundo. O *calcio a 5* ou *calceto*, como é denominado na Itália, faz parte de um mundo pouco midiático, não tão apreciado pela população do país, e no entanto de grande expressão migratória de brasileiros. O mesmo envolve jovens ainda inexperientes, alguns já “rodados” nos clubes brasileiros, mediações informais e pouco institucionalizadas; expressa um circuito em redes transnacionais que viabiliza a migração desse trabalhador que “faz o que eles não sabem fazer”, portanto, diferenciado e centrado em quatro países principais da Europa: Espanha, Itália, Portugal e Rússia. Há uma forte preponderância dos dois primeiros países.

O Brasil é um grande exportador de jogadores de futebol (Rial 2008; Souza 2008; Rodrigues 2010), um “celeiro de craques”, um “exportador de pés”, talvez seja um dos maiores nos últimos anos e, para várias regiões do mundo, mas principalmente para a Europa (Rial 2004), pois essa é a vitrine, a representação, o território-ícone do futebol mundial e o centro dos universos em cadeia que essa prática constitui, principalmente a que se expressa na dimensão midiática e financeira e pelas federações específicas. O futsal está também nesse horizonte, com intensidade, de movimento financeiro e horizonte midiático menores, porém, com lógicas muito parecidas, com canais que revelam um “sistema futebolístico” (Rial 2008) que interliga múltiplos fatores e agentes em territórios transnacionalizados (Yonnet 2007).

É em torno desse quadro esboçado que conduziremos nossa análise. Nossa preocupação é demonstrar processos que originam fluxos de jogadores de futsal para a Itália, as representações, inserções e mediações nos dois países (Itália e Brasil), aspectos da vida cotidiana de jogadores, as redes que vão se constituindo e dinamizando os fluxos migratórios, o papel da família e sua identidade de não-imigrante.

Para nossa pesquisa de campo, acompanhamos algumas situações cotidianas de oito jogadores brasileiros na região do Vêneto (Verona, Treviso e Padova) e da Lombardia (Milão e Bréscia); conseguimos contatos telefônicos e de *email* com mais 14 que jogam nas regiões do Lácio (entorno de Roma) e da Toscana (em Florença, em particular) e na cidade de Catânia, sul da Itália. Tivemos oportunidade de entrevistar alguns pais de jogadores no Brasil, bem como dois jogadores retornados (em razão de um período de recesso por ocasião das festas natalinas no final de 2011). Isso nos auxiliou na compreensão de pelo menos alguns dos inúmeros processos que se fazem presentes. Fizemos contatos também com o auxiliar técnico de um time que possui vários brasileiros; o referido profissional forma jogadores de futsal de base de outro time e participa de processos de mediação (indicação e venda) de jogadores brasileiros para a Itália. Realizamos um estágio de pós-doutoramento na Universidade de Milão em 2011, bem como de professor visitante na Universidade de Verona em janeiro de 2014, justamente para desenvolver pesquisas sobre brasileiros na Itália.

Para efeito de um breve artigo não teremos condições de delinear com mais detalhes processos que se desenvolvem no interior e em correlação com essa modalidade esportiva. Abordaremos aqui, primeiramente, as dinâmicas do processo migratório de jogadores brasileiros, aspectos de sua formação e ligação com canais que se vinculam em horizontes transnacionais; posteriormente, centraremos a análise em torno de alguns aspectos simbólicos que identificam os jogadores brasileiros na Itália como “fortes”, bem como alguns aspectos de seu cotidiano, os vínculos com a família, o projeto dos pais, o capital humano produzido no interior da família, frustrações e sonhos e, por fim, a intensa presença de brasileiros em seleções, equipes e competições internacionais, produzindo um “verde e amarelo” na linguagem e simbologia do futsal internacional e, em particular, do europeu.

IMIGRAÇÃO E OS ANÉIS DO COMÉRCIO DA BOLA

O comércio da bola estrutura redes (interligações territoriais) e canais (possibilidades) que ligam países, mediadores, famílias, investidores, lavagem de dinheiro, formas de burlar o fisco nos países que absorvem a compra de atletas, migrações internas de jogadores, patrocínios, competições diversas em vários níveis no interior do país (na Itália são várias), na Europa e nos campeonatos mundiais.

Isso tudo configura um “sistema futebolístico” (Rial 2008), o qual envolve empresas⁴ transnacionalizadas vinculadas às escolinhas que preparam atletas, as quais tornam seres humanos, ainda jovens, produtos de um mercado de além-fronteiras, mercantilizados também na forma de redes (investidores, mediadores, patrocinadores dos clubes, etc.) e da mediação de federações de futsal de ambos os países.

O futsal na Itália revela esses pequenos e grandes vínculos que vão se formando, “um vai fortalecendo o outro”, disse-nos um auxiliar técnico na Itália que nos deu informações sobre processos que envolvem transferências de jovens, até chegar numa teia de maior expressão. As trajetórias vão se constituindo e, em meio a possibilidades (canais), algumas poderão ser viabilizadas por sujeitos em suas mediações.

Diz um jogador entrevistado (via *email*) que,

O Brasil é muito bem visto na área esportiva aqui na Itália, por isso tem espaço para brasileiros em qualquer outro esporte. No meu caso, alguns times aqui da Itália já acompanhavam o meu rendimento individual através da internet e opiniões de profissionais da área. Na grande maioria dos casos, os jogadores chegam na Itália através de procuradores, que buscam novos talentos (que tenham origem italiana para poder fazer a cidadania, pois só é permitido um jogador estrangeiro por equipe) e entram em contato com os times daqui, buscando um acordo. [...]. Os campeonatos de futsal daqui tiveram uma evolução muito grande com a chegada dos brasileiros, como jogadores e treinadores. Existem várias divisões, como no Brasil. O campeonato é dividido em série A, série A2, série B, série C e, assim por diante. O campeonato da série A é disputado entre os 14 melhores times da Itália, em todo seu território. (Jogador brasileiro de futsal, há sete anos na Itália; no momento da entrevista, jogava em Florença).

Vimos em pesquisa no sul do Brasil (Chapecó, Passo Fundo, Erechim e Carlos Barbosa) alguns times e escolinhas de futsal que possuem contratos com clubes e empresas estrangeiras; em geral com países europeus. Os jogadores, ou pretensos, passam, com isso, a pertencer a horizontes transnacionais; idealizam e são preparados para “jogar lá fora”.

Comecei jogando futebol de campo nas categorias de base do Passo Fundo, de lá, passei para uma outra escola que tinha vínculo com o Internacional e com clubes da Itália. Isso da Itália fui saber depois. [...]. Fiz peneirão pra todo o lado, um me saia bem, outros não, sempre orientado pelo professor [nome do “professor” que também era empresário e possuía canais de intermediação com a Itália]. [...]. Um dia decidi que queria jogar futsal, falei pra ele e não deu outra; [...], comecei bem cedo; pra cá eles querem piação, gente que tem estrada pra rodar ainda. Fiquei sempre com essa ideia na cabeça de vir pra cá; ele me disse que tinha boa chance. [...]. Fui pro sul da Itália, mas antes esperei mais de seis meses pra organizar papelada, autorização, juizado, cartório, sempre meu pai e o [nome do empresário], daqui e dali, vendo uma coisa e outra, outros me ajudaram também. [...]; rodei por vários times da Itália, não tenho nenhum título ainda. [...]. Agora tô em Catânia. Jogo pro campeonato B1. [...]. Meu sonho é jogar num time grande no Brasil ou na Espanha, lá eles valorizam essa modalidade, ainda que pagam pouco. Aqui na Itália também, mas aqui é muito rodízio de jogador, hoje tu tá aqui, quando tu vê, o teu presidente te vendeu pra outro time. É muito rodízio de jogador; aqui não é tão profissional que nem na Espanha. Quero pegar mais experiência, quem sabe um dia uma seleção brasileira. (Jogador brasileiro de futsal na Itália, na cidade de Catânia; informações obtidas por *email*).

A narrativa acima revela alguns elementos que são importantes para entendermos o papel das redes. Podemos constatar a importância destas, seus canais institucionais, as mediações, os “empresários do esporte” que possuem vínculos transnacionais, clubes de futebol que assinam acordos de cooperação e de prioridade nas transações de jogadores, que fazem os mesmos “rodar” (Rial 2008) para “pegar experiência”, que “querem piação”. A narrativa expressa aspectos que envolvem os “peneirões” que objetivam selecionar e prometer espaços em times maiores, olheiros que participam e que estão vinculados a clubes de futsal, degraus de escadas em níveis locais/regionais que é necessário galgar para chegar a horizontes maiores e destes para a seleção brasileira, das categorias inferiores para as maiores e, dessas, para a tão idealizada Europa.

Desse modo, ainda que possamos continuar com a representação do brasileiro com o futebol (independente de ser de futsal ou outra modalidade), não há dúvida de que mais e mais se evidencia um caminho longo a percorrer, um conjunto de processos a seguir, uma maior institucionalização da formação, aprendizagens sistematizadas como as desenvolvidas nas escolinhas ditas “profissionais” para tornar-se atleta (Scaglia 1999). Noções de planejamento e preparação, envolvimento familiar (condições econômicas), disciplina, profissionais com conhecimento na área, clubes, escolinhas de futsal (não as ruas e praças ou os campos de periferia ou do colégio), dentre outras, são, ao que se costuma ver, as precondições básicas para uma carreira com triunfo. A emigração de jogadores de futsal revela um “projeto familiar” (Velho 1999; Rial 2004) desenvolvido por indivíduos, os quais incorporam decisões coletivas, representações e vínculos, idealização de mobilidade e status social em territórios múltiplos.

“BRASILEIRO É FORTE”. REPRESENTAÇÕES E MOBILIDADES TERRITORIAIS

O futebol, independente das modalidades, de uma forma geral, revela as grandes dimensões do mundo global, da circulação de dinheiro e de pessoas, de migrações de profissionais, “se não de cérebros, mas de pés”, como um treinador brasileiro de futsal na Itália nos disse; há, também, grandes empresas, para além das “quadras”. Essa circulação obedece a certas especificidades, ou seja, vimos que jogadores de futsal não são imigrantes comuns, aliás, nem identificados como imigrantes no cotidiano da vida na Itália o são; são referenciados como “jogadores”, os quais, como brasileiros, são “fortes”.

No futsal, quem não é Messi, pode se tornar um Falcão [craque brasileiro do futsal, grande referência também na Itália]; alguns craques surgem e, em geral, são brasileiros. Na Itália não muito, mais é na Espanha e em Portugal, a Rússia agora também é bastante forte. [...] É dinheiro que circula; os campeonatos mundiais são grandes. Muitos times fortes, mas o Brasil e os brasileiros de fora sempre com destaque, são os fortes que nem eles dizem. (Jogador de futsal, há quatro anos jogando fora do Brasil, oriundo de São Paulo; no momento da entrevista jogava em Bréscia).

Percebemos junto aos nossos oito interlocutores mais diretos que os mesmos não se sentem como imigrantes; se dizem simplesmente brasileiros e/ou jogadores de futebol (sem importar a modalidade), os quais estão amparados pelos clubes e, portanto, não procuram trabalho e nem moradia. Os mesmos foram contratados ainda no Brasil, residem em apartamentos e/ou alojamentos dos clubes (em geral, moram sempre com compatriotas - vimos também brasileiros e argentinos juntos em apartamentos, ou brasileiros que jogam em times de futsal diferentes residindo juntos), viajam pouco para o Brasil, no limite máximo, duas vezes ao ano. Os clubes auxiliam na passagem, em particular, no período de Natal; outra possibilidade é no período de férias de trabalho (julho e agosto), porém, esse é um período de transações, de possibilidade de apresentação em outros clubes. Seus rendimentos mensais giram entre 2 a 4 mil euros; “ganhamos salário livre de tudo”, como nos disse um entrevistado. Há também formas variadas de remuneração, por partida, por vitória, prêmios, etc. Essa realidade de remuneração precisa ser relativizada, pois os nossos entrevistados não eram “jogadores rodados” por clubes de grande porte; eram, sim, jogadores jovens, com idade variando entre 19 a 26 anos.

Por trás das contratações pairam sempre dúvidas para o sistema de vigilância e controle do fisco na Itália. Nesse sentido, não é incomum algumas curtas manchetes em jornais na Itália em torno de irregularidades de contratações, de declaração de ganhos dos empresários e clubes de futsal. Ao acionar o *link calcio a 5* em alguns jornais da Itália, vimos muito isso, inclusive um caso envolvendo brasileiros (falsificação de idade de jogador). Um jogador, contatado por *email*, relata-nos que,

Cada clube pode ter um jogador estrangeiro, ou seja, sem cidadania. É muito mais complicado nesse caso, pois o atleta vai precisar de um visto especial (de trabalho) para permanecer no país. Já aconteceu muitas vezes, em times onde eu jogava, que o nosso jogador estrangeiro não pôde fazer parte da equipe e teve que retornar ao Brasil por não ter conseguido um visto de um ano. (Imigrante brasileiro, jogador de futsal na Itália; há dois anos no país).

“É O SONHO DE TODO O PAI”. FAMÍLIA E CAPITAL HUMANO

Em entrevistas que fizemos em cidades do sul do Brasil, junto a alguns pais que têm filhos jogadores de futsal da Itália, Espanha e em Portugal, pudemos perceber o quanto os mesmos são simbolicamente valorizados, transferem fama para as famílias, lhes dão visibilidade pública.

Meu filho sempre jogou futebol; [...]; é o sonho de todo o pai ver um filho atleta, não é? [...], jogava aqui no Juvenil do Atlântico antes de ir pra Itália; foi com 19 anos; foi artilheiro aqui e na Itália também. [...]. Um cara de um escritório de Londrina ligou pra nós dizendo que queria ver o C..., ele tinha 18 anos na época, dizendo que providenciaria a documentação, que já tinha feito de muitos outros. Eu fui atrás dos documentos, em poucos meses tava tudo na mão, com a cidadania na mão, daí fez a residência lá, em três meses tava com o passaporte na mão. [...]. Jogou quatro anos no Roma [...]. Fizeram o contrato e lá diziam que davam moradia, carro, alimentação e mais ou menos uns 4 mil euros por mês. Do Roma, ele foi transferido para o Arzignano, depois pro Kaos-futsal de Bolonha, na série A. Ele foi pra seleção italiana várias vezes, recebeu taça de melhor jogador de competição. [...]; tá bem lá, mas quer trocar de time, o time de Bolonha não é bom. [...]. Ele já indicou vários jogadores, ajudou meninos a buscar documentação na Itália. [...]. O sonho dele é retornar na origem dele, né? Ele só não volta por circunstâncias financeiras, aqui não pagam bem. (Entrevista direta com mãe de jogador na cidade de Erechim – RS).

A narrativa da mãe de jogador revela muitos aspectos que estamos analisando: a importância da família, as mediações “estranhas” e externas, a idade dos jogadores contratados, os meios rápidos nessas circunstâncias para obter a dupla cidadania, o desejo da volta, os investimentos, mas, acima de tudo, a referência que o mesmo produz na família. Não dá pra dissociar o atleta que migra de sua família; essa é muito importante em vários momentos da constituição do mesmo. Ambos se retroalimentam nos interesses, proteção, idealização e motivação. Vimos que há dois *marketings*, o pessoal e o familiar, que se irmanam nesse universo.

Vimos em julho de 2010, numa entrevista de um programa de TV na cidade de Passo Fundo (RS), um jogador de futsal retornado de férias que levou seu pai junto para a entrevista. O atleta contou sua vida, seus feitos como jogador na Itália, seus planos, mostrou os gols, disse ter sido goleador de seu time, etc. Esse caso se soma a vários outros jogadores que, ao retornar de férias ao local de origem, são convidados também para falar aos alunos de escolas particulares e jogar uma partida com eles. Isso serve de referência para novos pretendentes. Com isso, as redes se ampliam e cumprem significações variadas, vão alimentando as representações do rodar (Rial 2008) pela Europa, de “jogar fora”, de atrair a atenção de muitos em razão da pouca visibilidade que a modalidade expressa no horizonte midiático, de serem amparados por instituições “que te pegam pelo braço já em casa e te deixam dentro de casa no outro país”, como nos disse um jogador em entrevista direta.

Nesse sentido, um pai nos disse que,

Sabia que o piá era bom, mas que ia chegar lá [na Europa] não. Ele foi sempre incentivado, fizemos de tudo pra que ele tivesse um amparo, escolinha, fardamento, leva aqui, acompanha lá, eu não tinha mais final de semana com a família, era só com ele. Torneio longe, muitas vezes voltar de madrugada do domingo pra segunda, ir trabalhar de manhã, não era fácil, mas via a evolução dele e o interesse, né? Isso é importante, se o piá tem interesse. Era um a ginástica pra mim. [...]. O professor cobrava cuidado aqui e lá, na comida então Deus do céu! [...]. Vejo um

sonho realizado, né? É um sonho de todo o pai; eu queria mesmo que fosse pra futebol de campo, né? Mas ele quis assim, então deixei a vontade dele, né? [...], a documentação foi difícil, ficava sempre meio arredio, né? Sem saber, minha mulher até achava que tínhamos dado os direitos de filho ao clube, ele nem tinha 18 anos na época. A Confederação [CBFS] cobrou muito de transferência, tive meio de assumir isso; acho até injusto isso. [...]. Foi complicado. Mas hoje vejo que é assim mesmo, as leis do futebol dão todo o poder pra quem compra [...], são esses que mandam, as federações ganham e te abandonam; se tu quer tem de ser assim e eles sabem que os jogadores sonham com isso”. (Pai de jogador de futsal na Itália, entrevistado em Chapecó – SC).

A narrativa do interlocutor acima, pai de jogador, é contundente em termos da idealização que a profissão carrega e, de uma forma extensiva, para a família, dos temores dos contratos e suas cláusulas que dão demasiado poder aos contratantes, do disciplinamento do jovem jogador, dos envolvimento com o mesmo no cotidiano da preparação do atleta até seu contrato com algum time, da desvinculação com a família quando de sua saída, etc.

Os jogadores de futsal adentram o universo da circulação de dinheiro (Yonnet 2007), dos ganhos que vão se fragmentando em muitas mãos. Os canais vão desde a pessoa que o indica, a escolinha que o formou, os mediadores, os presidentes de clubes, a Confederação Brasileira de Futsal (CBFS), as empresas que patrocinam e/ou que pagam salário, etc. Na realidade, os mesmos são mercadorias que passam pela lógica do valor de troca, da intermediação do dinheiro, de sua maximização, do controle de alguém (dono do passe), da venda e da compra; são mercadorias especiais que circulam por países em que, dependendo das circunstâncias, tornam-se valorizadas e/ou desvalorizadas, buscam otimizar o valor financeiro que a profissão curta lhes permite.

Não obstante essa lógica mercantil e de redes transnacionais que nem sempre andam pela estrada da legalidade (Ngouo 2004), ser jogador de futebol (independente da modalidade) no Brasil tornou-se o sonho de amplas faixas da população. Não são apenas os pobres que o idealizam, mas também camadas medianas da população. Muitas vezes torna-se um projeto familiar. Pais migram juntos, alguns conseguem fazer a mulher migrar também, outros “chamam a mãe”, como brincou um argentino tirando sarro de um brasileiro que disse que, “vivia chorando pelos cantos pedindo a mãe, não dava mais pra aguentar o cara”. O clube em que o mesmo jogava auxiliou na compra da passagem e a mesma permaneceu por quase um mês junto com o filho na Itália.

O [nome do filho] está há oito anos na Itália; mas lá o salão [futsal] não é profissionalizado, aliás, não é no mundo todo. [...]. Primeiro foi pra Portugal, mas teve de voltar. [...]. Ele disputou aqui a Taça RBS de futsal no Salto do Jacuí e foi o destaque. Não deu outra, lá ele conheceu o Choco, que era um supercraque e que tava na Itália; levou ele também pra lá, deu todo o amparo. Foi jogar no Arcofelice, sul da Itália. Hoje joga no Real Malfetta, perto de Bari, na série B. [...]. Nos primeiros anos foi difícil, dormia mal; um cara pegou os documentos dele, reteve tudo, eles usam esses documentos pra mandar travestis, mandar outros guris; era gente daqui ligada com uns caras da Itália, nem eu sei bem; não foi fácil pra pegar a documentação de volta; eu prometi matar o cara, ligava todo o dia e até comecei a ameaçar; um belo dia ele entregou todos os documentos. [...]. Muitos voltam por isso, tem muito agente enfiado no meio. [...]. Hoje ele tá bem, já são seis anos lá, já levou meninada pra lá também, mais da metade do time dele é de brasileiros, ganha em torno de 2 mil euros, ele treina o time de piazada do clube também. (Entrevista com pais de um jogador de futsal na cidade de Passo Fundo – RS).

A narrativa acima revela o que é de comum entre jogadores de futsal que emigram para outros países. No cotidiano dos atletas, a integração com outros jogadores brasileiros é muito grande; ainda que joguem em times diferentes, os mesmos buscam se encontrar, sair à noite, trocar *e-mails*, usar MSN, *Skype*, telefone, etc. “A internet é tudo aqui; é uma briga, porque é de cabo, então temos de usar um pouco cada um [...]. É uma forma de mantermos contatos com amigos e com as famílias”. Jogadores ficam muito tempo sem fazer nada; os treinos são diários, mas apenas algumas horas por dia, logo há muito tempo vago. Tivemos informações de apenas dois que fizeram ou ainda fazem algum curso, em geral, de língua italiana e de informática, mas a regra é não ir além da atividade esportiva, devido também às viagens para os jogos, à necessidade de concentração e de descansar o corpo. Com isso, também, os clubes mantêm um controle maior da vida e das ações dos atletas.

Vimos que jogadores conservam fortes relações com suas famílias, alguns pedem para alguém filmar as partidas, para, posteriormente, enviar cópia àquelas, para demonstrar sua atuação, como forma de justificar algum novo contrato, alguma transferência, etc. Os mesmos atribuem essa sua vitória de ser “jogador na Europa”, em geral, aos que lhes auxiliaram, ao primeiro treinador na escolinha, ao time que jogava no Brasil, à sua mãe, a Deus (dois, dentre os oito, frequentavam o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová; outros se disseram não envolvidos com religião), ao esforço pessoal, à superação, ao sacrifício e a ser brasileiro – “no futsal está cheio de brasileiro; aqui tem localização fácil para boleiro brasileiro”, disse-nos um jogador. O relato a seguir dá ênfase nesse sentido:

Faz três anos que estou aqui, vim como todos esses aí [indicando seus colegas de apartamento e de clube] trazido por alguém. [...], ninguém vem sozinho, no osso do peito, tentar a sorte aqui. Tem de ter indicação e gente que te assume. Aqui tu depende sempre de algum outro. [...]. Não conhecia nada da Itália, nem sabia falar, o [nome do colega] me ensinou no início umas palavras, com o professor foi difícil, ia por gestos, eu botei na cabeça que jogar eu sabia e ia dar o melhor que tinha. Prometi isso pra mim e pra minha família quando vim [...]. Tudo pra mim era novidade, não havia saído pra muito mais longe de minha cidade, só em partidas por Santa Catarina e São Paulo. [...]. Se não fosse a companhia deles aqui, com certeza, já teria retornado, ainda no início. [...] ligava pra minha família todo o dia, gastava dinheiro pra caramba; bate a solidão, a saudade de lá, aqui o controle é grande [...]. Fiquei três meses de lesão, não me deixaram voltar, porque eles tinham medo que não voltaria mais; [...] eu sou muito apegado à minha mãe, conversamos todo o dia [...]. (Jogador de futsal brasileiro, há três anos na Itália, oriundo da região metropolitana de Florianópolis).

A narrativa anterior dá ênfase às mediações imprescindíveis – “ninguém vem sozinho, no osso do peito, tentar a sorte aqui” -, à família, à simbologia do sacrifício e de sua redenção, ou seja, o sonho de chegar à seleção brasileira de futsal, ou naturalizar-se e “jogar na seleção daqui, é tudo brasileiro, na Espanha também”, ou, então, num grande clube do Rio e São Paulo, que “são os melhores que tem lá”.

O auxílio financeiro aos pais está presente em três deles; um é casado, mas a esposa está no Brasil, mora com os sogros, portanto envia dinheiro para sua família; um deles disse que não tinha obrigação com os pais, porque possuía outros irmãos que moravam com eles e estavam trabalhando. Todos dizem investir em algo, que sobra “um bom dinheiro” e que é “muito melhor aqui que no Brasil”, em termos de remuneração.

Os primeiros tempos mudam muito de pessoa a pessoa. O que mais pesa é a saudade da família e das pessoas queridas. Se essa saudade for saudável, a adaptação vai ser rápida. Mas, alguns jogadores sofrem mais com essa distância, o que acaba prejudicando muito os primeiros tempos por aqui. [...]; por aqui seria bom um acompanhamento psicológico para os jogadores; cada vez mais jovens é que vêm pra cá. [...]; vivemos muito entre os jogadores brasileiros; cada time tem, no mínimo, 7 ou 8 no seu elenco. Isso ajuda muito, pois são feitas muitas amizades novas entre brasileiros, o que nos faz sentir mais pertos do Brasil. (Imigrante que joga futsal na Itália; há quase 4 anos entre Itália e Portugal).

Do total de entrevistados, quase todos possuem a dupla cidadania. Porém não se sentem italianos, não são vistos como italianos pelos autóctones e outros estrangeiros dos times. A dupla cidadania lhes favoreceu na inserção ao clube; um deles a obteve quando já estava na Itália. Mesmo com a dupla cidadania, não ouvimos nenhuma afirmação que gostariam de permanecer para sempre na Itália.

IDEALIZAÇÕES, FRUSTRAÇÕES, LIMITES...

Todos os que entrevistamos abandonaram os estudos, inclusive, para dois deles, nem o segundo grau completo foi possível completar; quatro outros conseguiram completá-lo; faculdade nenhum tinha; dois informaram que pensam em cursar educação física mais tarde no Brasil, outro disse que, se fosse fazer algo, faria fisioterapia. Na realidade, dizem que foi uma perda, mas, ao mesmo tempo, uma escolha, pois “não dava pra conciliar os dois”.

[...], tive de abandonar; parei no primeiro do segundo grau; ainda antes na sétima ou na oitava já não ia bem mesmo, fugia da aula pra jogar bola; na escola eu era o destaque na bola; saía da aula e ia numa quadra arrumar uma vaga pra jogar, voltava pra casa sempre com roupa de jogo suja e mentia que tinha educação física na escola, minha mãe nunca desconfiou. [...], sempre fazia minhas peladas. Foi assim que comecei; aproveitei quando tinha peneirão [termo usado no futebol para designar uma demonstração de capacidade dos futuros atletas através de algumas partidas na qual há observadores externos] de clubes no interior de São Paulo. Fui selecionado em dois, três times, mas eu queria era mesmo futsal. Joguei no Palmeiras, foi aí que abriu as portas pra mim; tinha gente deles aqui na Itália, na Espanha também, mas eu não tinha idade pra vir pra cá, meu pai tinha de assinar um monte de papel. [...] Fiquei sempre com esse sonho. [...] Fui jogando campeonato lá, o paulista. [...] Quando ajeitaram a papelada, vim pra cá. [...] Já estive em quatro times aqui durante três anos, aqui ninguém fica muito tempo num time, eles fazem rodízio. (Jogador de futsal; oriundo de São Paulo; há três anos na Itália).

Além do estudo, grande parte dos jogadores de futsal abre mão muito cedo da vida em família, perde muito de suas atividades e dimensões do período específico da adolescência e da juventude em razão do disciplinamento, da condução normativa impressa pelos pais e responsáveis de escolinhas. Damo (2007) viu isso entre jogadores de futebol “de campo”. A própria CBFS informa que a média dos que jogam futsal fora do país gira em torno da efetivação média do segundo grau. Comenta um dos nossos interlocutores que,

não é porque to na Europa que a minha vida ta resolvida; a profissão de jogador é curta, no futsal dá pra ir mais longe do que o de campo, mas a vida é longa depois; ou tu faz o pé-de-meia, ou tu volta a estudar pra arrumar um emprego bom. [...] Alguns continuam no futebol, mas o futsal, fora das quatro linhas, emprega muito pouco (Jogador brasileiro entrevistado; é de Carlos Barbosa/RS; no momento da entrevista residia e jogava em Verona).

Há uma tendência de times europeus de futsal em buscar jovens promessas de craques no Brasil. Essa tendência à juvenilização justifica-se pelo investimento e pelas possibilidades de transações otimizadoras (Rial 2008; Toledo 2002). Na realidade, isso revela uma política dos clubes e é viabilizada (em termos de transferência, acompanhamento e documentação) pelos intermediários.

Não é incomum jogador de futsal mudar de país, em particular no interior da Europa, jogar um ano na Itália, o outro na Espanha, ou em Portugal, ou, então, em dois países num ano só. Nesse horizonte, as fronteiras nacionais são deslizantes; fronteiriços são os clubes, não os países. A possibilidade de passar por vários clubes (o “rodar”), como visto por Rial (2008) para o caso de jogadores de futebol “de campo”, valoriza jogadores, agrega valor ao seu currículo e possibilita retornos financeiros aos mediadores. Aos clubes, muitas vezes, não fica nada, a não ser a satisfação por títulos, a legitimidade de permanência de diretorias e treinadores (“salvar o emprego”), bem como a otimização aos patrocinadores. “Quem manda no *calcio 5* [futsal] está fora das quadras”, disse-nos um auxiliar técnico brasileiro de um time em Pádua; o mesmo mora em apartamento com alguns jogadores brasileiros.

Quase todos os jogadores de futsal entrevistados e contatados por telefone e *emails* relatam que começaram nas escolas e/ou escolinhas, que tiveram mediadores externos, que eram jovens e necessitaram do aval dos pais. Nesse sentido, a narrativa a seguir é ilustrativa:

Comecei a me interessar pelo futsal com 11 anos, na escola; tínhamos um time imbatível, ganhávamos todas as disputas de interséries e com outras escolas. [...]. De salão, foi uma coincidência; nós fomos treinar numa quadra coberta de salão porque chovia e tinha um cara do Mogi Mirim [time do interior de São Paulo], amigo do nosso professor [o treinador é denominado por muitos “boleiros” de “professor”] e, ele me viu. Falou comigo, se não queria ter futuro no futsal. Nossos contatos foram indo, eu com aquilo na cabeça. [...]; passou seis meses e veio um cara lá em casa, eu já nem tava mais naquela escolinha, tava meio sem vontade de seguir como jogador, tava pensando em trabalhar, ganhar alguma coisa, meu pai já tava querendo que eu fosse trabalhar [...]. Ele [o olheiro] então fez uma proposta pro meu pai pra ir pra Portugal, que não tinha problema da língua, essas coisas; eu tinha 17 anos, nem completados ainda. O [nome do intermediador] vinha quase toda semana lá em casa, me dava a maior força. [...]. Fui pra Portugal, numa pequena cidade pertinho de Lisboa, tinha o mar lá perto. Fiquei só um mês lá, só treinando num time de idade bem inferior, nem disputava competição nenhuma, era só de formação, me diziam que era para ir me adaptando, o cara [olheiro brasileiro] foi junto comigo, ficou todo o tempo, mas daí eu vi que não ia jogar lá, ia vim pra Itália. [...]. Tudo mudou daí né, a língua, tudo né, eu não sabia nada da Itália. Fui para um time lá do sul. [...], lá sim, já comecei jogando, depois vim pra cá. [...]; era tudo mutreta deles esse negócio de Portugal, era pra Itália que eu tinha de vir, mas pra convencer meu pai e eu mesmo, disseram que lá tinha um monte de jogador, e era mesmo, mas não era pra mim. [...]. (Imigrante que joga futsal na cidade de Milão; oriundo de São José dos Campos/SP).

O longo relato acima é expressivo de universos que se estruturam em territórios onde atores diversos se fazem presentes e lutam por otimizar sua ação – em geral, econômica e transnacional (Bourdieu 1992). Vimos em quase todas as narrativas a presença de mediadores externos, em geral, empresários que carregam o jogador na tentativa de mostrá-lo (expô-lo) para vários clubes para ver “quem dá mais” ou para “fazer um pré-contrato”. Há interesses financeiros em jogo em todas as partes envolvidas, conectividades entre clubes no mercado internacional de futebol (Bartholo; Soares 2006; Rial 2008; Damo 2007).

Os pais fazem do futebol do filho, e o seu controle, uma pedagogia para a conduta da vida⁵, um horizonte de disciplinamento do corpo, da saúde, dos contatos, do tempo, etc. Isso tudo se convencionou nesse campo denominado de formação, do universo preparatório; são processos e exigências que fazem parte de um laboratório de formação de jogadores (Damo 2007). O autor citado analisa esse processo na modalidade de futebol "de campo", porém podemos, com toda a certeza, estendê-lo para a modalidade do futsal.

Esse processo relacional entre formação e preparação vai produzindo dimensões assimilacionistas e incorporações de representações e redes que viabilizam a (ex)importação de recursos humanos para o consumo do mercado externo (no caso em questão, europeu). Os clubes de origem, muitas vezes, sentem-se pressionados para vender seus craques, muitos antes mesmo de dar alguma alegria aos seus torcedores (consumidores) com algum título. Jogadores passam a ser a salvaguarda financeira de clubes através dessa lógica de transações mercantis com o mercado externo. Essa tendência à europeização está presente também no futsal. Diz Ngouo (2004: 38) que continuamos a oferecer matérias-primas para os ricos, através do "comércio de pés".

Analistas que estudam as transações econômicas e de pessoas no campo do futebol, suas redes transnacionais, enfatizam a dimensão mercantil dos jogadores (Piraudeau 2011), o comércio de homens, a "compra dos pés", relações essas entre países centrais e suas ex-colônias, "continuam a levar embora o que temos de melhor" (Darby 2006), empobrecendo as competições e os clubes que os formam e disputam campeonatos regionais e nacionais.

É bom, no entanto, enfatizar que nem todos migram facilmente, fazem belos e duradouros contratos, são aproveitados nos clubes a contento do jogador. É interessante enfatizar que há elementos no interior do país, dos campeonatos, da legislação, da falta de incentivo, de salários e proteção de trabalho aos atletas que, somados, produzem desestímulos a ficar no país. O futsal é bem expressivo disso.

A Europa e/ou outras partes do mundo desenvolvido pagam melhor, "não há como segurar e nem como competir", afirma um auxiliar técnico entrevistado na Itália. Jogadores idealizam isso, usam seus clubes no Brasil como trampolim para o salto à Europa. Esse é o ponto máximo e a idealização de todos; é lá que o dinheiro rola e a possibilidade da curta carreira ser benéfica para o resto da vida, inclusive para outras gerações futuras, como o percebido por muitos jogadores brasileiros de futebol "de campo" (Rial 2008). São poucos os jogadores de futsal que pensam em fazer carreira no Brasil, a não ser no final dela, como também é evidenciado no futebol de campo.

Já é conhecido que as migrações transnacionais são fundamentais para assegurar condições financeiras, para gerar divisas para o país, alimentar os anéis de toda a rede constituída. Em 2005, o Banco Central informou que entraram no Brasil US\$ 159,2 milhões advindos de transações no exterior de jogadores de futebol, independente da modalidade (Cf. Nery 2011). Segundo Alcântara, as transferências tornaram-se um grande negócio, as vendas de jogadores no exterior geraram em torno de 6,4 bilhões até 2005, 40% só nesse referido ano (Alcântara 2006).

Não tivemos condições de entrevistar e nem conhecer jogadores brasileiros que "se deram mal", porém um dos nossos interlocutores nos disse que

“[...] , tem os que não deram certo; todos dizem que brasileiro é nato jogador né, aqui eles falam que é ‘forte’, mas tem os que se deram mal, e muitos; conheço muitos que voltaram. [...], por um monte de coisas, brigas com treinador, com companheiros, saudade, longe de casa, chegam aqui e percebem que a realidade é outra, também aparece muita piada, sem a cabeça no lugar. [...], tem de tudo, né, no futebol também [um outro brasileiro que estava na mesma sala por ocasião da entrevista opinou dizendo que “vem muito perna de pau por aqui também, eles não selecionam direito, gente que o pai paga pra vir pra cá”]; [...], aqui também tem time grande que paga bem, e tem os pequenos; no que eu estou, é um pequeno, por isso que penso em mudar, mas não depende só de mim. [...], tu não vê quantos jogadores que vem pra Europa [referindo-se ao futebol de campo] e voltam já pro Brasil, querem voltar a jogar no Brasil. [...]. Tem cara que vem aqui, desacorçoa e deixa até o futsal de lado e vai trabalhar como imigrante, vem nos visitar e assistir os jogos depois; cara que tem problema de família, sabe como é longe de casa! Piá novo, eles querem piá novo, mas se não forem bem trabalhados, eles voltam; muitos não dão certo nos clubes, [...]” (Jogador brasileiro, reside em Verona, oriundo de São Paulo).

O relato acima revela que há relações e interações em múltiplos âmbitos, as quais produzem decisões, escolhas, ausência de informações sobre processos envolvidos, desistências e diferenciações entre agremiações, processos esses que podem também promover mobilidades de jogadores entre os times – “hoje tô num aqui, amanhã tô noutro lá; aqui é assim, tem carinho que se dá bem, outros que não”. É importante que enfatizemos que uma coisa é a idealização produzida, outra é a realidade da modalidade esportiva (futsal) na Itália.

OS PÉS VERDE-AMARELOS

Como já falamos, o futsal europeu possui a marca do Brasil, de jogadores brasileiros que migram muito jovens, sem experiência, que começam no *Under21* e no *Under18*, em campeonatos de menor expressão, e vão galgando espaços maiores, permitindo transações econômicas, bem como de jogadores famosos no Brasil que são transferidos para o continente, de muitos que se naturalizam e defendem as cores da seleção do país em que estão, etc.

Uma manchete do provedor UOL, em 2009, estampava a vitória da Espanha na Copa do Mundo de Futsal, a qual era composta também de três atletas brasileiros; inclusive um, Marcelo dos Reis, fez o gol que decidiu o título. Continuava a manchete informando que, na referida competição mundial, havia 35 jogadores brasileiros disputando-a.

Há vários técnicos de seleções que são brasileiros; na referida Copa do Mundo, dois deles eram brasileiros⁶. O caso que mais chamou a atenção foi a Itália, a qual se sagrou vice-campeã: dos 14 jogadores que a compunham, todos eram brasileiros naturalizados italianos, somente o técnico era italiano de nascimento.

No torneio da Hungria (Euro 2010 de Futsal), eram 32 os jogadores brasileiros naturalizados. O título da manchete do site em nota de rodapé⁷ diz que o “português é o ‘idioma oficial’ do Europeu de Futsal”. Na seleção portuguesa, praticamente todos eram brasileiros, na italiana, de 14 membros, 9 eram brasileiros. No campeonato inglês de futsal, por exemplo, em 2011, dos oito times que disputavam a competição nacional, três possuíam, em seu quadro, a maioria composta por brasileiros⁸.

No campeonato mundial de futsal de clubes (não de seleções), que aconteceu em Carlos Barbosa (RS), em junho de 2012, times italianos e espanhóis marcaram presença. O time do Città di Montisilvano contava com cinco brasileiros e no caso do espanhol, Inter Fútbol Sala, dos 15 jogadores, seis nasceram no Brasil. Segundo dados oficiais da CBFS, havia na Espanha, em 2008, mais de 200 atletas brasileiros de futsal; 86 haviam emigrado só nesse referido ano. Segundo a referida confederação, além de jogadores, estavam emigrando também treinadores. Pelas informações da CBFS (enviadas por email em 20 de novembro de 2011), em 2010, foram 134 atletas transferidos para a Europa. "O mercado europeu está se abrindo cada vez mais. Estima-se que haja mais de mil jogadores de futsal fora do Brasil, na sua maioria estão na Europa. [...] Grécia, Irlanda e França já manifestaram interesse pelos nossos jogadores", informou o vice-presidente do departamento técnico da CBFS⁹. Segundo informações recebidas por *e-mail* da CBFS, em 2013, "em média são registradas 70 a 80 novas presenças de jogadores brasileiros de futsal na Europa, [...], com mais concentração na Itália e Espanha".

Segundo um jogador entrevistado por *e-mail*, há informação de que grande parte dos que jogam na série A são brasileiros: "Não posso falar sobre dados oficiais, mas nos times de série A, posso dizer com certeza que 60 a 70 % dos jogadores são brasileiros com cidadania italiana". Segundo Gilberto Nascimento (2006), em artigo na *Revista Isto É*, de 25 de janeiro de 2006, "havia na Espanha 424 jogadores de futsal brasileiros e, 72 na Itália (embora não se saiba quantos outros estariam em situação irregular, sem atestado liberatório da Confederação Brasileira)". A equipe campeã da Copa Itália em 2011, a Augusta, contava em seu elenco no período com 13 jogadores, 10 eram brasileiros. "A maioria dos brasileiros que vem atuar aqui se naturaliza. Eu não tive problemas porque meu avô é italiano", relatou o pivô Adriano, 20 anos, do time Augusta; o mesmo já defendeu a seleção da Itália no Torneio de Cingapura. Além de jogadores jovens, times europeus também contratam jogadores "rodados" pelo Brasil e em nível de seleção como é o caso de Choco, Manoel Tobias, dentre outros.

No Mundial de 2012, na Tailândia, havia sete jogadores brasileiros na seleção italiana, inclusive, a manchete de nota enfatiza a dificuldade do entendimento lingüístico entre jogadores e as orientações do técnico (Leite 2012). Em 2013, o AlterEgo Luparense, equipe que ficou campeã da Copa e da Super Copa da Itália tinha vários brasileiros, inclusive um que era considerado pelos jornais como "*fuoriclasse*" (super craque), Alex, conhecido como "Babalu"¹⁰.

Esse processo todo que identifica o futsal na Itália e em outros países da Europa com os pés verde-amarelos demonstra um "sistema futebolístico" (Rial 2008), o qual produz trajetórias múltiplas, representações do futebol (no caso, o futsal) com a brasilidade, reconversões financeiras, processos transnacionais, preparações e mediações e configurações de uma mercadoria denominada "atleta", projetos familiares que, somados, revelam a marca brasileira nas grande competições do futsal mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que se desenvolveu no país a noção do "talento inato" para o jogador de futebol brasileiro, ou seja, de que "já se nasce com ele" (Souza 2008); no futsal, isso é bem evidente.

Porém, essa representação é interessante, mas não suficiente. Vimos que são necessários processos normatizados por profissionais e instituições, através de métodos, treinamentos, disciplina, envolvimento familiar e de clubes ainda no período da assim denominada “formação”. Para isso, desde cedo, constituem-se redes com características transnacionais que vão alimentando interesses e idealizações para além dos futuros atletas.

Jogadores de futsal entrevistados dizem ter passado por canais que intermediam e onde “cada um quer ganhar um pouco”, como nos disse um pai de jogador, inclusive “italianos que vão para Brasil à procura de jogadores, com a obrigação de formar uma equipe para o próximo campeonato; a obrigação de fazer time é deles”, disse-nos um auxiliar técnico na Itália. Em geral, esses intermediadores vão diretamente na fonte, retiram meninos das escolas e das categorias de base de clubes de futsal ou mesmo da modalidade “de campo”, ou, então, contratam jogadores formados, já “rodados”, de clubes que disputam regionais e/ou o nacional de futsal; com isso produzem, alimentam e realizam o desejo de muitos da ida para a Europa, de uma vida melhor. Desse modo, as redes também vão sendo regadas.

O jogador de futsal é um imigrante em condição particular, diferenciado, porém torna-se difícil falar de uma forma genérica, assim como a realidade não é tão promissora como, estrategicamente, é reproduzida para a maioria de seus profissionais no Brasil e mesmo fora dele. Há profundas diferenciações, diversidades de situações, lógicas que não são tão genéricas e nem servem de regras para todos.

Jogadores entrevistados enfatizam o desejo de retornar ao Brasil para encerrar a carreira. É um fato incontestável. Diz um entrevistado que “pretendo ficar aqui na Itália muito tempo ainda, mas gostaria de voltar a jogar no Brasil antes de parar definitivamente, talvez a despedida das quadras será feita no Brasil”. O referido informa que “o nosso torcedor brasileiro é muito mais caloroso e apaixonado por futsal”. No entanto, vimos alguns jogadores que, ao terminar a carreira, permanecem em clubes, tornam-se treinadores ou intermediários na Europa de jogadores brasileiros. Na realidade, é uma dinâmica que cria vínculos e processos não tão definidos a priori.

O futsal revela um universo de relações específicas, que vai além dele; o mesmo manifesta horizontes familiares, o sonho da Europa para jovens e pais, redes que se estruturam de uma forma transnacional, documentações e deliberações institucionais que nem sempre passam pelos canais legais e normais para sua viabilização; “minha dupla cidadania veio em menos de um mês”, informa um jogador brasileiro em Pádua.

Tanto fora (para o nosso caso em questão, a Europa) quanto em locais de origem são desenvolvidas dinâmicas relacionais em que a família é parte integrante do atual e futuro atleta. Os controles, as motivações, as mediações, os envolvimento desmedidos, as representações, os investimentos financeiros, etc., fazem parte desse horizonte que agrega família e jogadores.

Enfim, vimos que jogadores de futsal na Itália produzem e alimentam canais transnacionais que se ligam através de clubes, no interior de federações responsáveis pela modalidade, de empresas, de patrocinadores, de pais de família, de centros formadores de atletas, dentre outros horizontes que comercializam os profissionais “dos pés”.

João Carlos Tedesco é Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas (Unicamp) e Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF)

NOTAS

- 1 Excelentes análises e discussões sobre o futebol (principalmente o “de campo”) são encontradas em vários autores no Brasil, dentre os quais, ver: Araújo 1980; DaMatta 1982; Damo 2007; Freire 1998.
- 2 Quando nos referirmos à modalidade que não seja o futsal, utilizaremos essa denominação (“de campo”) por ser a mais comum, conhecida e identificada socialmente.
- 3 No Brasil, o futsal também é conhecido como “futebol de salão” por ser disputado numa quadra de esporte fechada. Em nosso estudo, utilizaremos a denominação de futsal por ser o termo técnico utilizado pelas federações da modalidade no Sul do Brasil.
- 4 Há muitos clubes de futsal na Itália que incorporam o nome de empresas (como também há no Brasil); competições variadas acontecem ao mesmo tempo, de várias ligas e modalidades. Alguns clubes importantes como o Kaos Futsal, Asti, Roma, Arzignano, Acqua-Eva, Lazio, Real Rieti, Bisciglie, Augusta, Pescara, Luparense, Nápoli, dentre outros, seguidamente aparecem em jornais e espaços de internet. As modalidades na Itália são várias, as mais importantes são as séries A, A2, B, Under 21; Coppa Italia A, A2.
- 5 O Jornal *Zero Hora* de Porto Alegre publicou durante uma semana (de 9 a 12 de janeiro de 2012) várias reportagens em torno da relação pais, filhos e escolinhas de futebol, tanto para o “de campo” quanto para o futsal. Nas mesmas, são evidenciadas as ilusões, os sonhos, as decepções, a rigidez da preparação, a presença dos pais nos jogos, a pressão sobre os filhos, o papel do auxílio financeiro desembolsado pelos pais, os cuidados na alimentação, exemplaridades e o seu marketing esportivo. Ver, dentre outras matérias, a de Oliveira 2012.
- 6 Cf. Prates 2008. Eis alguns dos jogadores brasileiros e de suas seleções específicas em 2009, fato esse que demonstra como os clubes utilizam a estratégia da nacionalização de atletas de futsal para compor sua seleção e para transformá-los em mercadorias mais facilmente transacionáveis pela Europa e Ásia. Seleção da Itália: Alexander Feller, Darley Grana, Anderson Vasconcelos, Douglas Corsini, Cleyton Batistella, Edgar Rocha, Marcio Forte, Saad Assis, Fabiano Assad, Adriano Foglia, Carlos Eduardo Oliveira, Caio Lucio Farinha, Sandro Zanetti e Patrick Nota; Seleção do Japão: Rikarudo Higa (Ricardo) e Sérgio Sapó (técnico); Seleção da Rússia: Caetano Wagner Pereira (Pula) e Cirilo Cardozo Filho (Sirilo); Seleção dos Estados Unidos: Denilson Cabral; Seleção da China: Farinha (técnico); Seleção da Espanha: Marcelo dos Reis Soares, Fernando Maciel Gonçalves e Daniel Ibanez Caetano.
- 7 “Português é o idioma oficial do Europeu de futsal”. Recuperado em 07/11/2011, de http://www.dn.pt/desporto/outrasmodalidades/interior.aspx?content_id=1473335.
- 8 “Brasileiros no futsal inglês”. Recuperado em 07/11/2011, de http://www.canallondres.tv/Canallondres_Brasileiros_em_Londres_e_na_EuropaBrasileiros_no_Futsal_Ingles.html.
- 9 “Jogadores brasileiros de futsal invadem a Europa”. Recuperado em 07/11/2011, de <http://esporte.uol.com.br/outros/ultimas/2002/03/09/ult71u803.jhtm>.
- 10 “Douradense fecha 2013 com dois títulos e vaga na seleção da Italia”. Recuperado em 02/02/2014, de <http://www.espbr.com/noticias/douradense-fecha-2013-dois-titulos-futsal-italia/relacionadas>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, Hélio. 2006. "A magia do futebol". *Estudos avançados* 20(57): 297 -313.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquem. 1980. *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- BARTHOLO, Tiago L.; SOARES, Antonio J. G. 2006. "Identidade, negócio e esporte no mundo globalizado: o conflito entre Guga e os patrocinadores na Olimpíada de Sidney". *Revista Brasileira de Ciência do Esporte* 28 (1): 55-72.
- BOURDIEU, Pierre. 1992. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- DA MATTA, Roberto. (org.). 1982. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.
- DAMO, Arlei S. 2007. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir de formação de jogadores no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec/Anpocs.
- DARBY, Paul. 2006. "Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial". *Análise Social* XLI (179): 417-433.
- FREIRE, João B. 1998. *Pedagogia do futebol*. Londrina: Midiograf.
- LEITE, José R. 2012. "Brasileiros da Itália confundem línguas no futsal e dizem que rixa do time com Falcão já passou". *Uol Esporte*. Recuperado em 22/03/2013, de <http://www.espbr.com/noticias/brasileiros-italia-confundem-linguas-no-futsal-dizem-rixa-time-falcao-ja-passou>
- NASCIMENTO, Gilberto. 2006. "De onde vêm os craques?". *Revista Isto É*, n. 1892, 25/01/2006. Recuperado em 06/11/2011, de http://www.istoe.com.br/reportagens/3311_DE+ONDE+VEM+OS+CRAQUES?
- NERY, André L. "A exportação de atletas supera a de bananas". *Portal G1*, 30/07/2007. Recuperado em 30/10/2011, de http://www.adur-rj.org.br/5com/pop-up/exportacao_de_atletas.htm
- NGOOU, Boris. 2004. *Terrain mine: football, la foire aux illusions*. Paris: Éd. Michel Lafon.
- OLIVEIRA, Leonardo. 2012. "Para ensinar pai e filho". *Zero Hora*. Porto Alegre, 9/01/ 2012. p. 34.
- PIRAUDEAU, Bertrand. 2011. "Le jeunes joueurs africains". *Migrations Société* 133(23): 11-29.
- PRATES, Renan. "Copa do Mundo de futsal terá 35 jogadores brasileiros em ação". *Uol Esporte*, 29/09/2008. Recuperado em 06/11/2013, de <http://esporte.uol.com.br/futsal/ultimas/2008/09/29/ult71u1872.jhtm>.
- RIAL, Carmen. 2004. *Os boleiros em Andaluzia: um estudo da imigração de jogadores de futebol brasileiro à Espanha*. Brasília: MEC/CD. Relatório de Pesquisa Capes.
- _____. 2006. "Os jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém...". *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares* 61(2): 163-190.
- _____. 2008. "Rodar: a circulação de jogadores de futebol brasileiros no exterior". *Horizontes Antropológicos* 14 (30): 68-92.
- RODRIGUES, Francisco X. F. 2010. "O fim do passe e as transferências de jogadores brasileiros em uma época de globalização". *Sociologias* 12 (24): 238-258.

- SCAGLIA, Alcides J. 1999. *O futebol que se aprende e se ensina*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.
- SOUZA, Camilo A. M. 2008. "Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros". *Horizontes Antropológicos* 14 (30): 7-17.
- TEDESCO, João C. 2012. *Entre raízes e rotas: identidades e culturas em movimento. Aspectos da imigração brasileira na Itália*. Vale do Itajaí/Passo Fundo: Univali/UPF Editora.
- TOLEDO, Luiz Henrique. 2002. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp.
- VELHO, Gilberto. 1999. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- YONNET, Paul. 2007. "Football: les paradoxes de l'identité". *Le Débat* 146: 178-191.

“Exportação de pés”. Jogadores brasileiros de futsal na Itália e redes transnacionais.

RESUMO

O texto analisa aspectos da realidade emigratória de jogadores brasileiros de futsal na Itália evidenciando seus canais de intermediação, simbologias desenvolvidas em torno da *brasilidade* no futebol da Europa, a idealização e importância da família e algumas das contradições que a realidade apresenta. Concluímos que há um grande dinamismo imigratório de jogadores, os brasileiros estão presentes nos grandes times e competições internacionais, participam de seleções de outros países. Há um amplo universo estruturado em redes transnacionais e que dá a configuração de uma realidade que o futsal também dimensiona.

PALAVRAS-CHAVE: “Feet exportation”. Brazilian futsal players in Italy and transnational networks.

“Feet exportation”. Brazilian futsal players in Italy and transnational networks.

ABSTRACT

This text analyses some aspects of the reality of migration of Brazilian futsal players to Italy, showing intermediating channels and symbology developed around the nature of Brazilian soccer in Europe. Furthermore, it shows the idealization and importance of family and the contradictions that reality shows. The article concludes that there is a great dynamism relating to the immigration of players, insofar as Brazilians are part of famous teams, compete in international championships, and even participate in other countries' national teams. There is a wide universe of relationships organized in transnational networks that configures a reality in which futsal plays an important role.

KEYWORDS: Immigration; Futsal players; Brazilian people; Italy